

NACIONALISMO E ETNICIDADE: ESTRANHAMENTOS E CONFLITOS*

Tatiane dos Santos Virtuoso

Neste artigo, procurarei oferecer visibilidade aos estranhamentos interétnicos representados nas falas dos entrevistados de duas comunidades escolares investigadas. Serão evidenciados também alguns enfrentamentos das colônias étnicas frente à Campanha de Nacionalização. Para entendermos as questões mencionadas acima, é necessário conhecermos um pouco sobre as escolas que são o objeto desta pesquisa.

A Escola Reunida Casemiro Stachurski está inserida na comunidade de Linha Batista – Criciúma - SC. O local foi colonizado por imigrantes poloneses a partir de 1891. Este bairro é apresentado no trabalho de um Grupo de Pesquisadores¹ da Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, como o segundo bairro que abriga a maior concentração de poloneses da cidade de Criciúma. É pertinente lembrar que a comunidade polonesa apresenta a parcela de 0,72% da população de Criciúma.

No Bairro Linha Batista o percentual de poloneses é de 2,56%, sendo que a etnia que hoje mais se destacada, segundo a mesma pesquisa, é a etnia luso-brasileira com 81,47%, da população, enquanto os italianos compõem 14,38% da fatia, os espanhóis 0,32% e alemães 0,64%, outros 0,32%. Eu entendo que estes dados refletem que apesar da afirmação da comunidade em cima da identidade étnica² que primeiramente ocupou o território, dados estatísticos afirmam que esta identidade é simbólica. Se os sujeitos que constituem o Bairro ocasionalmente se identificam com a cultura polonesa, esta identificação se deu por meio de apropriações simbólicas.

O Grupo Escolar Núcleo Hercílio Luz localiza-se no Bairro Morro Estevão – Criciúma - SC. Esta localidade foi fundada por imigrantes de origem italiana que haviam se fixado no Núcleo São José de Cresciúma a partir de 1898.

A trajetória desta Escola inicia aproximadamente em 1905 com a mobilização dos moradores da colônia de italianos preocupados com a instrução dos filhos. A partir desta inquietação, foi instalada a escola étnica na comunidade. A comunidade de Morro Estevão hoje apresenta, o seguinte quadro étnico: 1,39% alemães, 0,59% espanhóis, 29,90% italianos, 65,19% luso-brasileiros, 1,94% negros, 0,40% poloneses, 0,59% outros³.

Das escolas comunitárias particulares a inserção da escola pública

Quando os imigrantes europeus chegaram a Santa Catarina e conseqüentemente a Criciúma, no final do século XIX, os mesmos se depararam com a inexistência de um sistema escolar. Para resolver o problema, assumiram comunitariamente o ensino, assim como os demais setores sociais das comunidades, como a construção de igrejas. Estas eram questões fundamentais que não poderiam permanecer ausentes. Neste contexto, o historiador Lúcio Kreutz⁴ fala do surgimento de uma experiência cultural inédita na história da educação do país: aqueles que sabiam mais ensinavam, tornavam-se professores, lecionando muitas vezes em suas próprias casas até encontrarem um lugar adequado para o funcionamento de escolas, que geralmente contava com a ajuda dos governos dos países de origem. No caso da colônia de poloneses de Linha Batista, a mesma fazia parte da Central de Poloneses no Brasil. Para esta Central, localizada em Curitiba - Paraná, cabia o gerenciamento das organizações responsáveis por cultivar a cultura polonesa nas colônias brasileiras, como a abertura de escolas. Podemos entender melhor o papel da Central de Poloneses no Brasil na fala de Casimiro Tibincoski:

Ali [Linha Batista], organizou-se uma sociedade de poloneses. Em Curitiba já existia um centro de poloneses. De todos os estados, só os do sul: Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, receberam poloneses. Alguns poucos em São Paulo, de lá eu só soube de duas escolinhas polonesas. No Rio de Janeiro também bem poucas. Cada sociedade formada, cada colônia polonesa fazia parte da União Central dos Poloneses no Brasil, era bem organizado. Eles mantinham muitos professores vindos da Polônia, mandavam onde fosse preciso. Muitos se formavam aqui, mas falavam bem o polonês. De lá veio o primeiro professor formado em polonês⁵.

Casimiro Tibincoski, embora não tenha freqüentado a escola na época em que os professores eram enviados pela Central de Poloneses no Brasil, estudou em uma escola

polonesa localizada em Linha Torrens, hoje pertencente à cidade de Morro da Fumaça. Primeiramente, o professor de Casemiro Tibincoski era Inácio Kubaski, posteriormente, ele foi aluno de Helena Grzwinski Werpachonski. A professora Helena Grzwinski Werpachonski era casada com um farmacêutico, o Sr. Estanislau Werpachonski. O casal está muito presente na memória da comunidade de Linha Batista pelo apoio cultural que representaram na antiga colônia. Depois que passaram um período na colônia de Linha Batista, estes resolveram voltar para a Polônia. Na falta de professores que continuassem o trabalho na escola, a mesma foi fechada. A transmissão da cultura polonesa não era disseminada apenas pela escola. Havia a imprensa polonesa em Curitiba que divulgava revistas, jornais, editados em língua polonesa.

Apesar de Casemiro Tibincoski ter freqüentado muito pouco a escola formal, o mesmo continuou praticando a leitura em casa. O pai de Casimiro Tibincoski que gostava muito da leitura passou a assinar um jornal polonês, editado pela imprensa polonesa juntamente com os padres missionários, em conjunto com a União Central dos Poloneses no Brasil.

Ele [pai de Casimiro Tibincoski] gostava muito da leitura também. Ele assinava o jornal semanário, era um jornal muito importante, bem construtivo. Eu gostava muito, lia para mãe [...]. Nós não tínhamos o que fazer a noite, então eu lia para mãe. O pai pegava aquela luz de querosene, o lampião. Já era melhor, de vidro. Ele sentava na sala e lia jornais e livros que ele trazia da biblioteca. A mãe então ficava na cozinha trabalhando e nós líamos para ela. Ela tinha uma pequena instrução⁶.

A biblioteca mencionada pelo entrevistado era constituída de 300 livros doados pelo casal Werpachonski, mencionado anteriormente. A biblioteca ficava sob custódia de um padre muito querido pela comunidade, o padre Francisco Chylinski.

Eu aprendi algumas coisas porque eu fui viciado em leitura [...] aqueles 300 livros eu li e reli, naquele tempo eu era muito curioso. Na leitura eu era tão curioso que quando compravam no armazém, nas vendas, as coisas vinham embrulhadas em jornais. Eu desenrolava o jornal só para ler. Eu tinha uma prática tão grande que eu só olhava a primeira palavra do verso e já sabia o que vinha. Eu estou quase duvidando se existe pessoa que leu mais de que eu na vida⁷.

Porém, pelo que pude observar nas outras entrevistas, a maior parte das crianças de Linha Batista somente entrava em contato com a leitura na escola formal, o material

didático enviado pela Central dos Poloneses no Brasil eram redigidos em língua polonesa. Pude perceber que a prática da leitura extraclasse ficou restrita a poucos. O acesso à leitura de jornais e revistas é evidenciado apenas na fala de Casemiro Tibincoski.

Na comunidade de Morro Estevão, encontrei um livro didático com textos escritos em italiano e em seguida traduzidos para o português, os conhecidos *sillabarios*. Nas duas colônias aqui abordadas os professores/as das escolas étnicas ministravam em língua estrangeira e posteriormente o português passou a ganhar espaço. No caso do Grupo Escolar “Núcleo Hercílio Luz”, identifiquei por meio das entrevistas e documentos que o ensino da língua portuguesa já era efetivado em 1925. Na Escola Reunida “Casemiro Stachurski”, o ensino da língua polonesa se estendeu por mais tempo. Identifiquei o ensino do polonês mesmo que intercalado pelo ensino da língua portuguesa até meados de 1937.

No período Primeira República do Brasil [1889 –1929], pouco se alcançou de positivo em relação à nacionalização do ensino no estado de Santa Catarina⁸, sendo que as escolas particulares-étnicas cresciam em número sem maiores problemas, sanando, de certa forma, uma grande lacuna esquecida pelo governo brasileiro: a questão escolar. Somente no Estado Novo, que iniciou em 1937, foi que se estruturou um sistema educacional com possibilidades de realmente desenvolver a política de nacionalização nas escolas. A indiferença inicial com que as autoridades brasileiras, desde o século XIX, encararam as colônias formadas por imigrantes, contribuíram decididamente para a manutenção, dentro destes núcleos coloniais, de costumes e tradições herdados da Europa.

Algumas peculiaridades das colônias compostas por estrangeiros em todo o país como a distinção entre as mesmas a partir da identidade cultural, como por exemplo, a colônia polonesa, a colônia italiana. A preocupação dos imigrantes com a “pureza da raça”, pois não deveria haver casamentos interétnicos, tornou-se evidente. Estes estranhamentos entre as etnias foi percebido já na instalação das mesmas, no então Núcleo São José de Cresciúma. Apesar de as orientações das autoridades ter sido no sentido da formação de colônias mistas, percebe-se o isolamento étnico.

Os imigrantes quando chegaram, vieram em três levas. Em 1880, 1890 e 1891. Começou em Linha Três Ribeirões, na Próspera. A segunda leva foi Linha Cabral, Cocal. A terceira foi na Linha Batista. A última leva se colocou assim numa linha reta, uma picada porque não tinha estrada, não tinha nada. Aquela Linha foi pura de poloneses. Por muito tempo ninguém falava português. Assim começou aquela Linha. Não entrou ninguém de outra etnia⁹.

Este isolamento foi o prenúncio de uma série de estranhamentos frente ao diferente, como menciona a entrevistada Maria de Luca Thomasi, moradora do Bairro Morro Estevão:

Depois nós íamos ao cinema, matinê, nós dizíamos matinê. O jardimzinho¹⁰ continua no mesmo lugar. Só não tinha aquelas árvores e tudo mais. Era feito um jardimzinho ao redor assim, nem banco tinha para sentar. Aliás, só tinha um banco, lá no canto de cima, mas era dos polacos. Os polacos eram juntos, os alemães eram juntos, os italianos eram juntos, tudo separado. Nós íamos escutar os polacos para rir porque eles falavam diferente¹¹.

Observando as falas das entrevistas coletadas nas comunidades de Morro Estevão e Linha Batista, percebi que os estranhamentos étnicos iniciam pela língua, que aparece como referência da distinção dos grupos, passando pela demais questões culturais. Ana Lenir de Luca Borges, memorizando as falas de sua mãe Iria Zandomenego de Luca, professora em Linha Batista no período de 1930-1932, enfatiza que “A maior diferença que ela [Iria] encontrou entre os poloneses, porque ela era de origem italiana, era a língua, e já era bastante. Além disso, tinha a culinária e muitos costumes diferentes¹²”. O estranhamento não se restringia à professora de descendência italiana para com os alunos descendentes de poloneses, o mesmo foi encontrado também na fala dos alunos da Escola de Linha Batista:

Eu lembro de uma porção de amigos. Tinha polaco, italiano, tudo junto. Minha descendência é polonesa. Quando nós íamos embora, nos brigávamos na estrada, chamávamos nome um para o outro, chamavam-nos de polaco, de italiano. Xingavam-nos como as crianças né, no outro dia já estava tudo bem, né¹³.

Os estranhamentos interétnicos puderam ser observados também nos espaços religiosos. Durante muitas décadas, a religião Católica prevaleceu nas colônias polonesas e italianas pesquisadas. Esta característica comum entre as etnias que poderia representar um elo interétnico também aparece nas entrevistas como um espaço de tensões e exclusão. A distinção entre as línguas polonesas e italianas propiciou a distinção de espaços religiosos. Havia as igrejas dos italianos e as igrejas dos poloneses.

Próximo à comunidade de Linha Batista, situava-se uma colônia de italianos. A mesma era denominada de Linha Torrens, hoje pertencente a Morro da Fumaça. Apesar do mesmo padre ministrar suas missas para as duas comunidades, polonesa e italiana, as reuniões de fé se efetivavam em espaços diferentes. Pelaguia Bartosiak, moradora de Linha Batista, relatou que apesar do padre ser brasileiro e as missas serem rezadas em latim, as missas continuavam sendo ministradas em lugares e horários diferentes para as respectivas comunidades étnicas. As distintas comunidades étnicas, mesmo compartilhando do mesmo credo religioso, não permitiam “misturas”. Esta realidade pode ser observada na fala de Casemiro Demboski¹⁴. “A nossa avó [polonesa] um dia foi na igreja dos italianos, veio uma tal mulher do Cechinel, uma velha, pegou ela pelo braço assim: vai, a igreja é nostra aqui¹⁵ . As distinções étnicas perpassavam os lugares sagrados como cemitérios. O cemitério de Linha Batista, há apenas mais de uma década, passou a ceder espaço para os “não-poloneses”. Porém, desde sua fundação, em 1929¹⁶, este espaço era um local para os descendentes de poloneses.

Assim percebi a estranheza frente ao diferente. No caso dos grupos étnicos, os mesmos uniam-se fortemente entre si. O convívio social destes grupos resumia-se aos compatriotas. Sendo assim, para defenderem-se do desconhecido, do novo, os europeus distanciavam-se uns dos outros. Esta estranheza estendeu-se e com mais intensidade sobre os “índios” e afro descendentes.

Questões como o mencionado isolamento étnico e as dificuldades de conviver com o diferente, o “medo” do outro, desencadearam a peculiar política nacionalista da Era Vargas, que tomou um ritmo frenético no Estado Novo. Em Santa Catarina, nos anos de 1938 e 1939, surgiram vários decretos-lei, legislando sobre a nacionalização.

Eric Hobsbawm fala que “a característica fundamental da nação moderna e de tudo que a ela se liga é justamente sua modernidade”¹⁶. Esta argumentação de Hobsbawm leva a reflexão das subjetividades que constroem uma nação ou uma etnia. Philippe Poutignat e

Jocelyne Streiff-Fenart no livro “Teorias da etnicidade” argumentam sobre o discurso de Hobsbawm:

Segundo este autor as tentativas de definir a nação por meio de critérios objetivos estão destinados ao fracasso. Em primeiro lugar, porque, qualquer que seja o critério ou a combinação de critérios [língua, etnia, cultura, história o comum, território, religião, etc.], estes são tão flutuantes quanto ao que procuram definir. Em segundo lugar, porque é sempre possível encontrar exceções: ou porque os candidatos eleitos pela definição não manifestem aspirações nacionais, ou porque “nações” efetivas não correspondam aos critérios¹⁷.

Manoela Carneiro da Cunha em “Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade” faz uma análise sobre a “substância da etnicidade”. A autora faz reflexão a partir do termo etnicidade e suas transformações por meio das várias temporalidades. A etnicidade, no final do século XIX e em meados do século XX, foi pensada como uma definição biológica que se dividia em raças. A concepção de raça veio acompanhada de uma série de discursos racistas elaborados na Europa e transplantados para o Brasil. Em contrapartida desta definição, a etnicidade passou a ser entendida como um fenômeno cultural “e já que cultura era adquirida, inculcada e não biologicamente dada também podia ser perdida. Inventou-se conceitos de aculturação e com ele foi possível pensar [...] na perda da diversidade cultural”¹⁸. A exemplo desta análise de Manoela Carneiro da Cunha, percebo que as escolas particulares que substituíram as escolas étnicas, coube o papel de aculturação das crianças que nas duas escolas pesquisadas falavam as línguas italiana e polonesa e não a portuguesa. Apesar de na escola de Morro Estevão a língua portuguesa ter ganhado espaço desde 1925, percebi nas entrevistas e registros escolares que os alunos chegavam à escola conhecendo apenas o dialeto italiano. A língua como âmagô da questão “delata” todo o minucioso processo elaborado pelas autoridades e efetivado nas escolas para a aculturação dos alunos/as.

Como reflexo desta idéia de aculturação nas escolas, Jaecyr Monteiro¹⁹ fala que a partir de 1930, a escola passou a apresentar características que a distanciavam das atividades até então conferidas à mesma como a transmissão de alguns conhecimentos como o ensino das primeiras letras. Surgiu dentro da conjuntura educacional uma função de

monitoração das escolas, desenvolvida principalmente por meio de Inspectores de Ensino, que atuando juntamente às escolas fiscalizavam e orientavam.

Desta forma, prosseguia a Campanha nacionalizadora no Brasil, em Santa Catarina e em Criciúma, construída e disseminada por meio da legislação, impondo arbitrariamente uma identidade nacional até então desconhecida pelos imigrantes.

Percebo que as circunstâncias nacionais não contribuíram para o envolvimento destes na unidade nacional até a década de 1930, quando inicia um radical processo de homogeneização, até então pouco conhecido pelas colônias étnicas. Neste contexto, fica evidente o entendimento da escola como um espaço de disseminação de interesses dominantes em contra partida do que seria a despreziosa e instigante troca de conhecimentos entre professores e alunos/as.

* Tatiane dos Santos Virtuoso. Grupo de pesquisa história e memória: o processo de educação em Santa Catarina - GRUPEHME/SC. tatvirtuoso@bol.com.br.

¹ Relatório de pesquisa do projeto intitulado Perfil Étnico no Município de Criciúma, 2004, p.46.

² No final da década de 1970, a comunidade de Linha Batista, incentivada pelos festejos do centenário de Criciúma inicia a organização de um grupo folclórico ligado à cultura polonesa. Hoje a Comunidade possui um Centro Cultural. Entre outras atividades, são realizados os ensaios da Sociedade Polonesa Orzel Bialy [Águia Branca]. Esta Sociedade firmou-se legalmente a partir de 1981. A mesma cultiva dança e cantos poloneses, assim como a troca de experiências entre outras comunidades de descendência polonesa no Brasil. Em Linha Batista também se percebe o hábito de trocas culturais com a Polônia, ainda hoje, por meio de visitas de alguns moradores do Bairro ao País e a visita de poloneses na comunidade.

³ Relatório de pesquisa do projeto intitulado Perfil Étnico no Município de Criciúma desenvolvido pelos professores Nivaldo Aníbal Goularte, Carlos Renato Carola e pelas professoras Maria de Lourdes Milanez Goularte e Miriam da Conceição Martins. Criciúma: Unesc, 2004.

⁴ KREUTZ, Lúcio apud LOPES, Eliane Marta Teixeira, [org.], *500 anos de Educação no Brasil*. 2000, p. 350.

⁵ Entrevista com Casimiro Tibincoski, concedida à Tatiane dos Santos Virtuoso em 17/02/2003.

⁶ Entrevista com Casimiro Tibincoski, concedida à Tatiane dos Santos Virtuoso em 17/02/2003.

⁷ Idem.

⁸ MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do ensino em Santa Catarina - 1930-1940*, 1984, p. 58.

⁹ Entrevista com Casimiro Tibincoski, concedida à Tatiane dos Santos Virtuoso em 17/02/2003.

¹⁰ O jardimzinho, palco das “reuniões interétnicas” é a Praça Nereu Ramos, centro da Cidade de Criciúma, conhecida até os dias atuais como lugar de encontro entre os moradores da cidade que se deslocam a mesma como forma de entretenimento, lazer ou para a aquisição de mercadorias oferecidas pelo comércio situado no seu entorno

¹¹ Entrevista com Maria de Luca Thomasi, concedida à Tatiane dos Santos Virtuoso e Andreane Fátima Tecchio Motta em 29/05/2002.

¹² Entrevista com Ana Lenir de Luca Borges, concedida à Tatiane dos Santos Virtuoso em 09/02/2004.

¹³ Entrevista com Tereza Demboski Milak, concedida à Tatiane dos Santos Virtuoso e Andreane Fátima Tecchio Motta em 19/11/2002.

¹⁴ Entrevista com Casimiro Demboski, concedida à Tatiane dos Santos Virtuoso e Andreane Fátima Tecchio Motta em 19/11/2002.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Cadernos do patrimônio histórico de Criciúma. n-1/organizado por Lucy Cristina Ostetto, Marli de Oliveira Costa. – Criciúma: Unesc, 2001. P. 84.

¹⁶ HOBBSAWM, Eric J. apud. POUTIGNAT, Philippe. Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart, 1998, p.44.

¹⁷ POUTIGNAT, Philippe. Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart, 1998, p. 44.

¹⁸ CUNHA. Manoela Carneiro da. Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. 1986.

¹⁹ MONTEIRO, Jaecyr. Nacionalização do ensino em Santa Catarina - 1930-1940, 1984, p. 56.